

## Caos e criação: a dinâmica da *perdição criadora*

Cássia Chaffin

**D**escontrole, desordem, caos. Essas palavras dão o tom de nosso cotidiano turbulento e imprevisto. Há inúmeras análises apocalípticas desse “mundo em perdição”. Elas destacam os aspectos negativos da falência de ideais sólidos e universais, que sustentavam a vida social. Nesse contexto, nunca é tarde para lembrar: o apocalipse refere-se à derrocada de um mundo, mas também à revelação, ao despertar de nova vida. Portanto, a confusão e a instabilidade, tão presentes nos dias de hoje, podem operar como motores do desenvolvimento e da criação. Nomeio o processo de transformação do caos em uma ordem antes desconhecida de *perdição criadora*.

A expressão *perdição criadora* designa a experiência de invenção de nova maneira de viver e perceber o mundo e suas relações<sup>1</sup>. Aqueles que a vivenciaram fascinaram-se com tamanha intensidade por algo que romperam com o padrão existente, perderam-se da trilha coletiva. Moveram-se em direção a alguma coisa considerada absurda ou impossível por seus contemporâneos e, quem sabe, por muitos que os sucederam. Galileu, Colombo, Lutero, Pessoa são alguns deles. Cada um instaurou, a seu modo, forma diferente de vida.

A proposição do termo *perdição criadora* decorreu do encontro com a psicanálise. A psicanálise constitui-se como um saber, e uma prática, que desconstrói a ilusão de possuímos somente uma personalidade, à qual permanecemos fiéis todo tempo. A análise leva-nos a perceber a falsidade dessa imagem ideal unificada. A ideia da consciência, vista como o lugar soberano na produção de nossos discursos e na orientação de nossos atos, desfaz-se diante das descobertas clínicas do mestre da psicanálise. O inconsciente – o não sabido – assume, a partir de Freud, o papel

de principal motor da vida. Por meio dos atos falhos, dos sonhos, dos equívocos, somos levados, pela associação livre, a nos perder nas tramas do desconhecido. E então despertamos “razões” antes veladas, escondidas.

A significação original da palavra perdição transporta-nos ao universo religioso. Considera-se perdido aquele que pecou e caiu em desgraça por cometer atos imorais, em desacordo com os dogmas prescritos. O uso comum da palavra perdição remete a situações em que somos tomados por desejos incontroláveis. Relaciona-se com o deixar-se seduzir, encantar-se por algo. O termo criação ressoa o sopro divino. Refere-se ao ato de dar vida, indicativo do bem. Com a expressão *perdição criadora* busco ressaltar a ambiguidade da experiência humana da criação.

A expressão visa enfatizar que a invenção relaciona-se com a capacidade de suportar o desprazer e a angústia, despertados pelo enfrentamento do misterioso e do desconhecido. Ressalta a conexão entre criação, aventura e risco. A expressão decorre, também, da constatação da tendência humana a transformar em dogma qualquer discurso que produz para ordenar e dar sentido à existência.

A ausência de uma única ordem natural e universal caracteriza a espécie humana. Faz dela radicalmente diferente das demais espécies animais. Tal falta expressa, na verdade, excesso de possibilidades. A enorme variedade das culturas, surgidas ao longo da história da humanidade, constitui prova da riqueza dessa ausência. Na origem, a força que impele nosso organismo à atividade, denominada por Freud de pulsão, manifesta-se de modo caótico. As construções simbólicas lhe impõem organização.

A dinâmica da criação na natureza inclui o caos. Da tensão entre forças nascem as formas, que lutam para se afirmar. O homem, diferentemente de outras expressões da vida, organiza-se segundo uma ordem moral. E aqueles que, de alguma maneira, se afastam dessa ordem, são considerados perdidos. Por isso, proponho o fenômeno da *perdição criadora* como específico ao mundo humano.

A moral oferece valores e preceitos que orientam os pensamentos e as ações dos indivíduos. A vida, e não apenas a vida coletiva, sustenta-se pela imposição de travas à manifestação caótica da pulsão. Sem elas, chamadas em psicanálise de recalque, a pulsão provocaria tão somente destruição. Em sua clínica, Freud descobre, no entanto, que essas travas também operam como agentes de destruição. Ele constrói, então, método que permite ao homem lidar melhor com o conflito de forças que experimenta, franqueando a possibilidade de criação de vida sempre renovada.

Em 1915, no texto *Pulsão e suas vicissitudes*, Freud define a pulsão (*Trieb*) como força constante que impele o organismo à atividade. Tal força manifesta-se diferentemente do instinto dos animais, pois não está circunscrita a padrão definido biologicamente. Ela é um estímulo, indeterminado e impessoal, que surge no corpo e se impõe à mente. O aparelho psíquico tem por objetivo administrar essa força constante vinculando-a a representações – imagens e palavras –, que orientam a ação e modu-

lam nossa relação com o mundo. O conceito de pulsão busca apreender processos que estão entre o somático e o mental, entre corpo e alma. Freud reconhece certa imprecisão no conceito proposto, característica presente, na verdade, no fenômeno que quer descrever. Ele chega a designar a teoria das pulsões de sua “mitologia”.

Em *Além do princípio do prazer*, escrito em 1920, Freud apresenta o conceito de *pulsão de morte*, baseado em sua proposição de que todo organismo vivo anseia pela própria morte. A ideia de pulsão de morte causou e ainda causa estranhamento, mesmo entre muitos psicanalistas. Em *O mal-estar na civilização* (1930), o próprio Freud reconhece as resistências a sua proposição. No entanto, afirma que a ideia da pulsão de morte traz tal clareza à descrição dos processos psíquicos que não pode ser abandonada. Considera a recusa do conceito como decorrente de visão idealizada ou moralizante sobre a vida. Olhar mais realista permitiria a percepção da verdade de suas colocações.

Investiguemos melhor a proposição freudiana. Segundo ela, originalmente, a pulsão simplesmente visa extinguir-se. E, portanto, destruir seu próprio organismo. Tal afirmação soa absurda aos ouvidos de nossa consciência. Segundo ela, lutamos, a cada instante, para garantir a vida. Em virtude dessa legítima revolta da consciência, um lembrete se faz necessário, sempre: a psicanálise aborda o homem a partir dos processos inconscientes. Em sua clínica, e em sua análise da cultura, Freud percebeu que o movimento da pulsão conduz à extinção. Depara-se, porém, com resistências que obrigam a tendência à destruição a dirigir-se para fora, manifestando-se como agressividade em relação ao mundo externo.

Se pensarmos em nossos desejos cotidianos, essa estranha proposição começa a fazer sentido. Ao desejarmos algo, nos sentimos “ex-citados” por um objeto externo. Ele perturba nossa paz, aumenta a tensão interna do nosso organismo, e nos leva a agir para apaciar aquela “irritação”. Experimentamos prazer quando conseguimos submeter o tal objeto à nossa vontade. Podemos, assim, retornar à paz inicial. Até a próxima excitação, é claro. O psicanalista MD Magno busca simplificar o conceito de pulsão de morte traduzindo-o como *Tesão*. “Há o Tesão, esse movimento que vai para alguma coisa. (...) [O Tesão] quer o quê? Simplesmente sumir! Quer morrer de gozar, quer gozar para sempre, quer um gozo absoluto, último e definitivo” (Magno, 2004:24-25).

A descoberta de Freud nos permite ver a violência entre o indivíduo e o outro – qualquer que seja ele – como intrínseca à vida. Não se trata de fato raro, característico apenas do cotidiano atual. É dessa violência que surgem, também, as mais belas produções do mundo humano. Nelas, o desejo de destruir aquilo que, de alguma maneira, perturba, transforma-se em busca por dominá-lo, em submetê-lo à vontade do indivíduo. Desta forma, o homem constrói pontes, naves espaciais, poesia, sinfonias...

A abordagem de alguns conceitos da termodinâmica nos permitirá melhor apreender a ideia da pulsão de morte e sua relação com a experiência de *perdição*

*criadora*. Pode parecer-lhes que complicarei ainda mais tema tão complexo. Penso, porém, que esses conceitos, extraídos das ciências naturais, nos oferecem boas referências para a investigação de nossa intrincada vida emocional. Não se pode reduzir o homem ao dado natural, mas tampouco me parece possível deixar de reconhecê-lo como um organismo específico, que integra a natureza. Em minha defesa, recorro às palavras do mestre da psicanálise: “Podemos ter dado um golpe de sorte ou haveremo-nos extraviado vergonhosamente” (Freud, 1996:69).

### **Pulsão de morte e o conceito de energia**

Freud formula sua hipótese do aparelho psíquico inspirado no modelo energético da física, mais especificamente na termodinâmica, que estuda as leis que regem relações entre trabalho, calor e outras formas de energia. Tal campo da ciência se desenvolve no século XIX, em virtude dos enigmas colocados pela operação da máquina a vapor e outros dispositivos térmicos, usados como geradores de energia para a produção industrial. As descobertas da termodinâmica provocam uma revolução no pensamento científico.

A ciência clássica compreendia a natureza como uma máquina previsível e controlável, passiva ao olhar do observador. Reduzia a complexidade aparente da natureza a leis universais e deterministas. Sua concepção de universo aproximava-se do mundo das ideias de Platão. Em ambos a “ambição era descobrir o que permanece imutável para além da mudança aparente” (Prigogine, 1993:14). Ao abordar os fenômenos térmicos, os físicos se depararam com processos irreversíveis e com a tendência inevitável dos sistemas à morte térmica.<sup>2</sup> Contemporânea do darwinismo, a termodinâmica também trata da evolução. Mas suas formulações levaram à descoberta de que o devir resulta do caos, da desordem.

A apropriação por Freud dos conceitos da termodinâmica já foi muito censurada. Chegou-se a nomeá-la de “hipótese fantástica”, ou até delirante. As ideias apresentadas em *Além do princípio de prazer* também são consideradas, por muitos, especulação absurda. Lacan destaca, no entanto, que a inspiração de Freud na física faz da psicanálise uma forma de pensar que não se limita à simples continuação do humanismo. Trata-se de modo de entendimento da vida que transcende o funcionamento da espécie humana. E mesmo se dermos crédito aos críticos de Freud, restaria a pergunta: quem pode negar certa dose de imaginação em qualquer construção, mesmo científica? Deixo a resposta a Isabelle Stengers (1949-) e Ilya Prigogine (1917-2003), este vencedor do prêmio Nobel de Química de 1977, por sua formulação da teoria das estruturas dissipativas, baseada na termodinâmica:

Qualquer que seja seu conteúdo, uma “visão científica do mundo” é por definição fechada, cheia de certezas, privilegiando as respostas em detrimento

das perguntas que as suscitaram. Gostaríamos de fazer compartilhar não uma “visão do mundo”, mas uma visão da ciência. Da mesma forma que a arte e a filosofia, a ciência é antes de tudo experimentação criadora de questões e significações (Stengers e Prigogine, 1992:20).

O conceito de pulsão pode ser comparado ao conceito de energia, da física. A definição exata de ambos permanece pouco precisa. Todavia, tanto um como outro conceito apresentam-se fundamentais em seu campo de investigação. Em 1847, o físico inglês James Prescott Joule (1818-1889) propõe uma conexão entre química, ciência do calor, eletricidade, magnetismo e biologia. Ele descobre o fenômeno da conversão: em qualquer processo físico-químico observa-se que “alguma coisa” muda de forma, mas se conserva quantitativamente sempre igual. Essa “alguma coisa” que se mantém constante, apesar de se converter em qualidades diversas, será nomeada posteriormente de energia.

O termo vem do grego *ergon*, que significa trabalho, obra, ação, e de *enérgeia*, força em ação. A definição usual refere-se à energia como “capacidade que um corpo, uma substância ou um sistema físico têm de realizar trabalho”. Trabalho, aqui, relaciona-se às trocas energéticas entre os sistemas e à sua transformação qualitativa. A constatação de Joule levou à formulação da primeira lei da termodinâmica, o princípio de conservação da energia. A quantidade de energia no universo permanece constante, apesar de ela se apresentar de modos variados: química, mecânica, elétrica, atômica, etc. A água de uma cachoeira, por exemplo, produz energia mecânica e, ao movimentar as turbinas de uma usina, gera energia elétrica. A ingestão de alimentos nos garante a geração de energia química, necessária à subsistência de nosso organismo.

Em sua investigação sobre o funcionamento da máquina a vapor, os físicos descobriram que parte da energia envolvida no processo se dissipava sob a forma de calor. Essa parcela de energia tornava-se inútil àquele sistema, não era mais aproveitável. Perdera-se de vez, pois fora convertida na forma degradada da agitação térmica. Os cientistas constataram, também, que tal processo não ocorria apenas nas máquinas térmicas. Todas as formas de energia tendem a se converter integralmente em sua expressão mais desordenada, o calor.

Deriva dessa descoberta a segunda lei da termodinâmica. Segundo ela, qualquer sistema físico isolado avançará espontaneamente na direção de desordem sempre crescente. Sua energia tende para o caos. Em outras palavras: os sistemas evoluem na direção da própria dissolução. Dirigem-se à morte térmica. Curioso perceber que as representações do inferno, na cultura cristã, estão associadas a lugar quente. “Aqueles que caem em perdição”, ameaçam os crentes, “arderão no fogo do inferno”. Os que ali chegam romperam de alguma forma com a ordem cultural, entregaram-se à agitação pulsional.

Os sistemas tendem para a degradação, mas cada um deles chega ao estado último de modo particular. O contato entre os sistemas promove sua complexificação. Tal mistura exige trabalho e retarda sua tendência à dissolução. O homem criou aparatos capazes de acumular e transformar a energia no trabalho necessário à produção de bens, artifícios que revertem o vetor natural da energia. Mesmo aí, vale lembrar, sempre haverá uma parcela da energia que se dissipa e se torna inútil. As máquinas deterioram-se, os corpos perecem, os sistemas desorganizam-se. Irreversivelmente.

O conceito de pulsão ressalta essa característica. Freud entende a vida como contínuo adiamento da morte. Para isso, também “criamos” um artifício: o aparelho psíquico. Afinal, ao nascermos ele não está lá. Ele se forma aos poucos, a partir do contato com outros sistemas, que nos provocam irritações e nos impelem à ação. Envolvemo-nos com eles e, progressivamente, tornamos nosso próprio sistema mais complexo. O aparelho psíquico constitui nossa usina mental. Ele tem a função de transformar nossa energia em vida. Há certos aparelhos que garantem isso com maior eficácia. Outros, por alguma razão, operam principalmente para a destruição da própria usina.

A afirmação da segunda lei da termodinâmica levou à formulação do conceito de entropia, que permite medir o grau de desorganização presente em um sistema. O estado de entropia máxima corresponde ao de maior equilíbrio, pois acolhe a confusão entre as forças. Não há resistência que defina qual delas deva imperar. Dependendo do momento, uma assume o poder. Daí o caos.

Vale notar que a forma mais equilibrada de um sistema corresponde ao caos. Ali não existe qualquer lei que imponha uma ordem. Não há resistências para obrigar determinadas relações aos elementos do sistema. Concordaremos com os físicos se lembrarmos que, continuamente, temos que trabalhar para manter nossos sistemas em ordem, sejam eles nossa casa, o carro que possuímos, ou mesmo nosso corpo. Arrumamos uma gaveta e o simples ato de abri-la já desorganiza tudo. Se deixarmos os sistemas operarem livremente, tenderão à desordem.

A ordem é mais instável que a desordem. Corresponde, no mundo físico, às configurações específicas assumidas pelos organismos. Suas formas perduram por certo período. Seu desaparecimento, ou morte, reflete apenas a transformação daquela forma ordenada em outra. A energia total no universo nunca se altera. Tal ideia aproxima-se da famosa frase bíblica, que virou ditado popular: “Do pó viemos e ao pó voltaremos”. O mito secretou verdade científica aparentemente complexa.

O que vive ou morre são ordenações específicas de certa quantidade de energia. A vida corresponde ao trabalho, à luta efetuada por determinado sistema para impor sua maneira particular de agenciar a energia. O fim da luta ocorre quando certa ordenação dissolve-se no caos, no indeterminado, no impessoal. A criação envolve o enfrentamento do caos, sem sucumbir nele.

## Entropia

O conceito de entropia foi incorporado a diversos campos, entre eles a psicanálise e a teoria da comunicação. “A entropia é um E maiúsculo, absolutamente indispensável ao nosso pensamento”, afirma Lacan em seu *Seminário 2* (1952-1953). A descoberta da disposição natural dos sistemas à desordem leva-nos a pensar estratégias para manter nossa usina em funcionamento.

No campo da comunicação, a entropia revela a presença do ruído, da confusão entre emissor e receptor. Precisamos de físicos, matemáticos e engenheiros para nos indicar algo tão corriqueiro: a comunicação com o outro é impossível. Sempre nos deparamos com a incompreensão. Na verdade, os cientistas buscavam meios de neutralizar os ruídos. Em 1949, Claude Shannon (1916-2001) e Warren Weaver (1894-1978), da Bell Telephone Laboratories, enunciam as bases de seu pensamento no livro *A teoria matemática da comunicação*. Seu desafio era criar códigos capazes de garantir a transmissão eficaz das mensagens – traduzidas em quantidades de informação – por meio de cabos telefônicos. Tal como a termodinâmica, a teoria da informação surgiu a partir de problemas propostos por invenções tecnológicas. Isso nos leva a supor o caráter inconsciente e imprevisível do pensamento. Construímos discursos para dar sentido a problemas impostos pelo real. As próprias tecnologias constituem produções simbólicas que respondem a irritações provocadas pelo real.

Segundo a Teoria da Informação, qualquer sistema não submetido a um código apresenta-se em entropia, estado em que quaisquer sinais emitidos por ele têm equiprobabilidade de compor uma mensagem. O teclado do computador, por exemplo. Se não o submetemos a um código que organize probabilidades, acabaremos produzindo agrupamentos do tipo *xxctpvi* ou *ppoihiuri*. Mensagens caóticas, que nada significam para nós, puro ruído textual. No entanto, altamente “informativas”. Shannon e Weaver definem “informação” como o grau de imprevisibilidade, de surpresa, de uma mensagem. Um sistema que opera livremente se encontra em estado de entropia máxima, de desordem absoluta. Na metáfora que proponho, o sistema encontra-se *perdido*. Não há tensão que imponha uma direção.

O código instaura previsibilidades, limita a liberdade dos sinais utilizados na composição das mensagens. Estabelece hierarquias. Por isso podemos brincar de palavras cruzadas ou do jogo da forca. Na língua portuguesa, na busca por descobrir a palavra escondida nos traços em branco, arriscamos inicialmente as vogais, a começar pelo *a*. Os falantes da língua alemã talvez iniciem o jogo por consoantes... Recorremos às probabilidades previstas pela ordem do código. Contudo, para Shannon e Weaver, uma mensagem exitosa deve provocar a alteração no comportamento do receptor. Conjuntos de signos muito previsíveis não despertam interesse. Eis o desafio do emissor: criar mensagens ao mesmo tempo atraentes e inteligíveis, ou seja, portadoras de um grau relativo de entropia. A desorganização aparente da mensagem apresenta-se como enigma, convidando à decifração.

Na arte, a ênfase não está exatamente na inteligibilidade, mas na invenção de possibilidades expressivas. Persegue-se a transformação do próprio código. Algumas mensagens artísticas trazem grau de entropia de tal forma elevado que parecem a muitos puro ruído. Confusão, entropia máxima, caos. No entanto, há uma ordem ali, só que não apreendida pela maioria das pessoas. Tais mensagens expressam a *perdição criadora*. Aqueles que as produzem experimentam a agitação da imprevisibilidade, mas acabam por impor nova organização. Eles escolheram os elementos de seu discurso em repertório mais amplo do que o usual, e os agruparam de maneira diferente.

Recorramos a uma analogia com o campo da música para melhor entender esse processo. O sistema tonal dominou a música ocidental durante três séculos, desde fins da Renascença até meados do *novecento*. Tal sistema define certas regularidades, determinadas regras para a ordenação do discurso musical. Estabelece um código, uma linguagem. Sua estrutura organiza-se em torno de uma nota fundamental, a tônica. Ou seja, há uma hierarquia no modo de usar os grupos de notas, tomando como referência a primeira nota da escala. A tonalidade, como o sistema ficou conhecido, criou novo ambiente sonoro. Instituiu a tônica como centro de atração, travando a aleatoriedade na escolha dos sons para a composição de uma peça musical.

O sistema tonal acolheu certos arranjos sonoros tão estranhos aos ouvidos da época que eram considerados coisas do diabo durante a Idade Média. Pareciam ruídos, no sentido da Teoria da Informação. Johann Sebastian Bach (1685-1750) apresenta-se como seu grande formulador, especialmente em sua obra *Cravo bem temperado*, publicada em 1722. O que chamamos ainda hoje de *escala de dó maior* ou *escala de lá menor*, entre outras, nomeia certa ordenação específica entre os intervalos das notas, que gira em torno da nota dó ou da nota lá. Os músicos criam suas composições a partir das linhas melódicas e relações harmônicas definidas nessas escalas. Acolhem dissonâncias, conflitos e tensões, sempre resolvidas com o retorno ao fundamento da tônica, a primeira nota da escala.

A partir de meados do século XIX, alguns compositores começaram a ousar incluir em suas peças certos arranjos sonoros não mais resolvidos em torno da tônica. Beethoven (1770-1827) já fez seus experimentos. Richard Wagner (1813-1883), Gustav Mahler (1860-1911) e Claude Debussy (1862-1918) estão entre aqueles que exploraram o cromatismo em suas composições, escapando da ordem tonal. A música começava a abstrair do fundamento, do chão oferecido pela nota principal. Ela não mais se apresenta como o centro para a construção da hierarquia dos acordes. Surge, por volta de 1920, o atonalismo, o dodecafonismo, o serialismo, que rompem efetivamente com o sistema tonal. Para muitos ouvidos contemporâneos, a música de Arnold Schönberg (1874-1951), e de seus discípulos Anton Webern (1883-1945) e Alban Berg (1885-1935), ainda soa estranha. Parece caótica e desorganizada. Entrópica, portanto. Na verdade, ordena-se segundo código ainda pouco usual aos não iniciados. Magno relaciona essa *atectonia* musical com a crise dos fundamentos

vivenciada desde a virada do século XIX para o século XX (Magno, 2004:19-20). A mesma transformação pode ser observada nas artes plásticas, não mais referidas à representação.

## **Caos e criação**

A entropia relaciona-se com desordem e morte. Mas também, como vimos, com a criação. O caos pode gerar vida renovada, pois está para além do código vigente. Para a psicanálise, o caótico remete à expressão da pulsão. Provoca ruptura com a cadeia de representações. Por isso, apresenta-se como traumático. O trauma corresponde ao choque vivido pelo organismo diante do real, aquilo que se mantém para além ou para aquém da ordem simbólica. O sistema nervoso é invadido por grande quantidade de energia livre, que demanda escoamento. O ato criador constitui resposta original ao excesso pulsional, resulta da elaboração diante do trauma. Também se reage ao aumento súbito de energia com a produção de *sintomas*, que contêm a energia liberada em respostas cristalizadas, a partir de então repetidas de modo compulsivo.

Em psicanálise, o *ato* sempre traz uma marca inaugural. Instaura um corte na lei vigente. Corresponde a acontecimento inesperado, inaudito. “O ato (puro e simples) tem lugar por um dizer, e pelo qual modifica o sujeito”, afirma Lacan. E completa: “Andar só é ato desde que não diga apenas ‘anda-se’, ou mesmo ‘andemos’, mas faça com que ‘cheguei’ se verifique nele” (Lacan, 1998:371). E muitas vezes não “chega” apenas para si. Tal “chegada” também se oferece como ponto de partida para outros.

O ato criador desperta novas formas. A consistência da criação, sua força para sustentar-se face à tendência à dissolução, indicará seu tempo de vida. O poder de se impor a outras formas fará com que sua duração seja mais longa ou mais curta. Apesar de inúmeras críticas ao longo de mais de dois milênios, ainda hoje lemos Platão e Aristóteles. A luta que realizaram para afirmar seu modo de interpretar a vida, ou a maneira de agenciar sua energia, foi de tal magnitude que encantou outras pessoas e os tornou eternos. Algo despertado por eles ainda ecoa em muitas pessoas.

Filósofos, artistas, líderes religiosos dão forma simbólica aos afetos que experimentam em seu sistema energético. Neste sentido, o conjunto de ideias ou formas expressivas inventados por eles nada mais são do que grandes configurações que ordenam milhões de outros pequenos sistemas, os indivíduos. Estes organizam sua energia segundo determinado padrão estabelecido por outrem, que se expandiu e se tornou referencial coletivo. A maior parte das pessoas toma o padrão criado por aqueles que fundaram nova ordem como trava à própria tendência à dissolução.

Se um sistema não for submetido a artifício que mude o vetor da degradação da energia, se não executar trabalho, tenderá ao caos, para a entropia máxima. Em outras palavras, para o fim de sua forma específica, para sua morte. Nosso estado mais originário, bem como o de qualquer sistema, é o equilíbrio desordenado.

Importante lembrar que trabalho, em física, assume definições diferentes na mecânica clássica e na termodinâmica. Segundo a mecânica, o trabalho corresponde à ação de uma força que causa deslocamento em sua própria direção. Em termodinâmica refere-se à interação estabelecida entre um sistema e seu meio. Trata-se, assim, de um fenômeno de fronteira, que diz respeito ao fluxo de energia trocado entre interior e exterior.

Um sistema executa trabalho quando se abre para o diferente e intervém efetivamente no ambiente. Portanto, trata-se de algo inevitável a qualquer organismo. O conceito de trabalho assume conotações diversas na economia política, na filosofia e até na religião. Considero a definição da física rica por apresentá-lo como necessidade vital. Não executá-lo significa adesão ao vetor da energia direcionado ao caos, contribuindo, assim, para o fim do organismo.

A termodinâmica define como “positivo” o trabalho realizado pelo sistema sobre o meio, e “negativo” o trabalho realizado pelo meio sobre o sistema. Em ambos os casos, manifesta-se a luta entre sistema e entorno. Os dois tipos de trabalho indicam vínculo com a vida, ou seja, a reversão da tendência à dissolução. No entanto, o trabalho positivo parece expressar maneira de lutar que implica na afirmação da diferença do sistema. O trabalho negativo, por sua vez, dá a impressão de que o sistema é oprimido pelo meio. Na verdade, o sistema é pressionado a sucumbir à homogeneização imposta pela vizinhança. Se levarmos adiante essa analogia, poderíamos pensar que, no trabalho positivo, o sistema opera no sentido de insistir na própria distinção. Quando pensamos na dinâmica de nosso aparelho mental, a situação fica mais complexa. Afinal, o meio está dentro de nós. O campo de batalha entre vários sistemas é interno, a tensão se dá entre as instâncias psíquicas denominadas por Freud de *id*, *ego* e *superego*.

A noção de trabalho na termodinâmica nos ajuda a pensar o conceito de pulsão. Freud identifica na pulsão a força que impele o aparelho mental à atividade. O psicanalista destaca que tal ação não se dá de maneira espontânea, mas como defesa contra excitações exógenas e endógenas. Apesar de essa visão ser nomeada de negativa, ou reativa, pois não indica espontaneidade natural para a produção de algo, o resultado dela não leva à visão negativa ou niilista da vida. Simplesmente nos mantém mais alertas quanto ao impulso mais originário, e sempre presente, de nosso sistema: acabar com toda a tensão interna.

Nesse processo, o sistema envolve-se com os estímulos perturbadores e, ao invés de morrer, complica-se com a vida. Este caminho apresenta-se inevitável para a afirmação da existência. Admitir que nossa energia encaminha-se para o caos nos impele a trabalhar, continuamente, a fim de ordená-la. Engaja-nos no reviramento perene do vetor que empurra em direção à morte. Ressalta a necessidade de olharmos a vida de modo mais realista.

O senso comum em nossa cultura opõe trabalho a lazer. Supõe-se que o lazer corresponda a momentos de prazer. Muitas pessoas experimentam suas atividades

laborais como punição, castigo do qual buscam livrar-se o quanto antes, obrigação que não produz satisfação. Anseiam por férias. Entendem o trabalho como mero dever, ou como resultado de alguma injustiça social. É bem verdade que essa interpretação construiu-se, em parte, pelo automatismo imposto pela indústria. Mas ela acaba por se estender a qualquer forma de trabalho. E pior: muitos tacham de loucos obsessivos, autoritários, antissociais e até, nos casos mais absurdos, de autistas, aqueles que estabelecem relação rigorosa com sua atividade. E que se dediquem intensa e rigorosamente a ela. A multidão defende com veemência a satisfação obtida nos chamados programas de lazer, como aceleradas e tumultuadas excursões a países estrangeiros. Suspeito que muitos que se engajam nesses programas perguntam-se, naqueles momentos solitários entre o sono e a vigília: mas por que diabos me enlacei com este bando? O lazer não se traduz necessariamente em prazer.

A criação, a invenção de novos discursos ou próteses<sup>3</sup>, deriva do enfrentamento com o desconhecido, com o indeterminado. O trabalho apresenta-se aí como essencial. Caso não se execute trabalho para construir nova ordem, submerge-se no caos. Talvez essa ameaça, a experiência deste estado limite, explique a raridade do ato original. Mas esse trabalho franqueia passagem para uma satisfação outra, mais intensa e rica. Ousaria dizer que mais humana, pois se expressa por aquilo que trazemos de mais característico em nossa espécie, a construção do simbólico.

A satisfação colhida em nossas aventuras corresponde ao grau de tensão interna vivenciado. Se ele for alto, sua descarga provoca satisfação mais vigorosa. As formas usuais de prazer, prescritas pela cultura, exigem mínimo de dispêndio de energia. Simplesmente seguimos os modelos. Aquelas que são proibidas, ou simplesmente desconhecidas, provocam maior aumento de tensão. Quando realizadas, o gozo também é maior.

Admiramos aqueles que deixaram sua marca nos campos em que atuaram. As histórias que deles conhecemos mostram o quanto sua satisfação construía-se por meio de trabalho incansável na realização de algo. Flaubert (1821-1880) era acusado de lentidão por seus críticos. Ele reconhecia sua compulsão na procura pela palavra exata e dizia-se escravo da linguagem. Ao longo da composição de *Madame Bovary*, escreve à amante: “Minha cabeça roda de aborrecimento, de desencorajamento, de fadiga! Passei quatro horas sem conseguir fazer uma frase... Que trabalho atroz!” (Flaubert, 1993:133). Ou ainda: “Quero ver se acho quatro ou cinco frases que procuro já faz um mês”. Sua busca e paciência são recompensadas: “Na última quarta-feira, eu fui obrigado a me levantar para apanhar o meu lenço de bolso; é que me enterneci escrevendo, eu gozava deliciosamente, da emoção de minha ideia, da frase que a revelava e da satisfação de tê-la encontrado” (Flaubert, 1993:66).

Beethoven também era obcecado pela forma perfeita. Seus cadernos mostram como reescrevia exaustivamente suas composições. O ato de composição, para ele, sempre teve o caráter de luta. A violência desse embate apresenta-se em seu estilo.

Tolstói (1828-1910), ao escrever a novela *Khadji-Murát*, publicada com cerca de 140 páginas, gastou mais de duas mil páginas de rascunho. O esforço necessário ao ato criador fica evidente em texto que o poeta Charles Baudelaire (1821-1867) imagina o processo criativo do gravurista Constantin Guys (1802-1892). Descreve ele que, à hora em que os outros estão dormindo,

Guys está curvado sobre sua mesa, lançando sobre uma folha de papel o mesmo olhar que há pouco dirigia às coisas, lutando com seu lápis, sua pena, seu pincel, lançando água do copo até o teto, limpando a pena na camisa, apressado, violento, ativo, como se temesse que as imagens lhe escapassem, belicoso, mas sozinho, debatendo-se consigo mesmo (Baudelaire, 1988:173).

Quando veneramos a obra de grandes realizadores, esquecemos todo o árduo processo envolvido em sua produção. Sentimo-nos invejosos e diminuídos, mas não reconhecemos a intensidade com que perseguiram o desejo despertado por algum objeto ou alguma ideia. Também não reconhecemos a angústia que experimentaram ao se liberarem das fixações repetidas automaticamente por seus contemporâneos. Insistiram na dominação de algo. E de tanto repetirem o conhecido, sentiram certa insatisfação com o já formulado. Foram constrangidos a inventar novas possibilidades.

### **Perdição criadora**

É justamente esta entrega ao ainda não formulado que nomeio de *perdição criadora*. Resulta ao mesmo tempo da insistência no desejo e da impossibilidade de alimentá-lo com o que existe. O abandono à pulsão acompanha-se do rigor na elaboração de um produto para satisfazê-la, pois o que há não mais satisfaz. A rendição à tentação, acompanhada do trabalho, permite fazer emergir o divino.

As cartas de Van Gogh a seu irmão Theo parecem-me um dos testemunhos mais contundentes desse processo no campo artístico. Mostram sua aguerrida busca pela expressão original, extraída a partir da observação das luzes, dos objetos, das cores, e das obras de mestres como Millet (1814-1885) e Delacroix (1798-1863). Escreve ele ao irmão: “Conheço duas pessoas agitadas em seu íntimo pela mesma luta: ‘sou pintor’ e ‘não sou pintor’. Rappard e eu mesmo. Uma luta às vezes medonha, uma luta que é justamente a diferença entre nós e alguns outros que levam as coisas menos a sério” (Van Gogh, 2003:12).

O que descrevo como *perdição criadora* não se restringe à esfera da arte. Inventores de novas próteses, heróis guerreiros, grandes descobridores, também ousaram desejar algo que parecia impossível a seus contemporâneos. O vigor com que se abandonaram a seu querer, a entrega a sua paixão, encantou outros e provocou mudanças na cultura. Afinal, mesmo quando não realizaram exatamente o que al-

mejaram, alguns se tornaram eternos e mudaram a vida de povos. Jesus apresenta-se como exemplo maior. Justo seu martírio – a crucificação – tornou-se a principal imagem do cristianismo. O rei português D. Sebastião (1554-1578), desaparecido na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578, teve sua derrota transformada em nova vida. Não conseguiu restituir a glória a Portugal, mas hipnotizou de tal forma seu povo que, mesmo morto, provocou a fundação de uma religião, o sebastianismo. O padre Antonio Vieira (1608-1697) foi condenado pela inquisição por anunciar a ressurreição de D. Sebastião. Segundo Vieira, ele seria responsável pela instauração do *Quinto Império*, o império do espírito, entre os homens.

Penso que o acaso também assuma importante papel na eternidade que alcançaram, bem como na invenção que realizaram. O trabalho intenso sobre algo me parece condição necessária, mas não suficiente, para a emergência do novo. Debruçar-se sobre algo pode permitir-nos maior disponibilidade para o inusitado, maior escuta para novas possibilidades. E, apesar de ter-me aventurado a pensar alguns aspectos da dinâmica do processo criativo, nunca é tarde para destacar: a criação efetivamente original restará sempre encoberta em mistério.

Cássia Chaffin

Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)  
cassiachaffin@uol.com.br

## Notas

1. A expressão *perdição criadora* foi apresentada em minha tese de doutorado em Psicologia Clínica, defendida no Departamento de Psicologia da PUC-Rio.
2. Em física, a palavra *sistema* designa um corpo qualquer (ou um conjunto de corpos) que delimitamos para fins de estudo. Tudo que não pertence ao *sistema* denomina-se *vizinhança*, ou *meio*. Entende-se por *morte térmica* a transformação da energia dos sistemas em sua forma mais degradada, o calor.
3. Entendo por prótese o que quer que o homem invente com o objetivo de aplacar seu sofrimento. Inclui-se aí tanto próteses materiais, como óculos, roda, carro, como próteses imateriais, como religião, arte, sistemas filosóficos.

## Referências bibliográficas

- BAUDELAIRE, Charles. *A modernidade em Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- BEN-DOV, Yoav. *Convite à física*. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1996.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Ed. Cultrix, 2007.
- CHAFFIN, C. *Uma teoria sobre a alma ou a perdição criadora*. Rio de Janeiro: Cenapsi, 2011.
- \_\_\_\_\_. *A perdição criadora*. Tese de Doutorado. Orientadora: Monah Winograd. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Psicologia, 2011.
- \_\_\_\_\_. *A perdição criativa*. In: SANTOS, Evandro Meirelles. *O sexo de Deus*. Rio de Janeiro: Cenapsi, 2011. p.86-114.

- FLAUBERT, Gustave. *Cartas exemplares*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.
- FREUD, S. (1915) A pulsão e suas vicissitudes. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XIV*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- \_\_\_\_\_. (1920) Além do princípio de prazer. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- \_\_\_\_\_. (1930) O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XXI*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- \_\_\_\_\_ e PFISTER, Oscar. *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939). Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Viçosa: Ultimato, 1998.
- LACAN, J. (1954/1955). *Seminário 2. O eu na teoria de Freud e na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- \_\_\_\_\_. (1969) O ato psicanalítico. In: LACAN, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p.371-379.
- MAGNO, MD, (1999) *Psicanálise. Novamente*. Rio de Janeiro: Novamente, 2004.
- PRIGOGINE, Ilya. (1993) *As leis do caos*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- \_\_\_\_\_ e STENGERS, Isabelle. (1988) *Entre o tempo e a eternidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1978) *A nova aliança*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1984.
- SADIE, Stanley. *Dicionário Grove de Música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- SANTOS, Evandro Meirelles et alli. *O sexo de Deus*. Rio de Janeiro: Centro de Arte e Psicanálise (Cenapsi), 2011.
- SCHNEIDERMAN, Boris. Uma novela a ferro e fogo. In: TOLSTÓI, Liev. *Padre Sérgio*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001. p.107-111.
- TEIXEIRA COELHO. *Semiótica, Informação e Comunicação*. 2ªed. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- VAN GOGH, Vincent. (1883) *Cartas a Théo*. São Paulo: LPM, 2003.
- VIEIRA, Antonio. *História do futuro*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992.
- WEAVER, W e SHANNON, C. *A teoria matemática da comunicação*. In: COHN, Gabriel (Org). *Comunicação e indústria cultural*. 5ªed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1993.
- WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade. O uso humano dos seres humanos*. 4ª. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, s/d.
- WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

### **Página da internet**

SOUZA Jr., Jessé Rebello. Notas de aula. Trabalho e calor. Departamento de Engenharia Naval e Oceânica. USP. In: <http://www.poli.usp.br/p/jesse.rebello/termo/index.html>

## **Resumo**

Este artigo apresenta a criação como resultado do enfrentamento do caos e do desconhecido. Designa tal processo de *perdição criadora*, ilustrado por exemplos na música e na literatura. Parte do conceito de pulsão de morte, proposto por Freud, destacando sua relação com o conceito de energia, da termodinâmica. Expõe as apropriações feitas desse campo da física pela psicanálise e pela teoria da informação.

## **Palavras-chave**

Psicanálise; Pulsão de morte; Energia; Teoria da informação; Entropia; Criação.

## **Abstract**

This article presents creation as a result of the confrontation with chaos and unknown. It denominates this process as creative perdition, referring to examples from music and literature. It starts with the study of death drive, as formulated by Freud, and its relation with the concept of energy, from thermodynamic. It exposes the appropriations from this field of physics by psychoanalysis and information theory.

## **Keywords**

Psychoanalysis; Death drive; Energy; Information theory; Entropy; Creation.